Os senhores Golovliov (excerto do Capítulo I)
The Gentlemen Golovliov (an excerpt from Chapter I)

César Marins de Oliveira¹

Resumo: Tradução das quatro primeiras partes do primeiro capítulo de “Os senhores Golovliov” (1880), romance do satirista russo Mikhail Saltikov-Shchedrin (1826-1889), que trata da decadência da nobreza ao fim da servidão na Rússia.

Palavras-chave: Saltikov-Schedrin; literatura russa; romance; tradução; sátira.

Abstract: Translation of the first four parts of the opening chapter of “The Golovlyov Family” (1880), novel by the Russian satirist Mikhail Saltykov-Shchedrin (1826-1889), about the decadence of a noble family at the end of serfdom in Russia.

Keywords: Saltikov-Schedrin; Russian literature; novel; translation; satire.

1. Apresentação

O excerto que ora apresentamos corresponde às quatro primeiras partes (de sete) do primeiro capítulo do romance “Os senhores Golovliov” (Господа Головлёвы), de Mikhail Saltikov-Shchedrin. Os cinco primeiros capítulos do romance foram publicados como contos do ciclo “Discursos bem intencionados” (Благонамеренные речи) entre 1875 e 76, no jornal “Notas patrióticas” (Отечественные записки), dirigido pelo próprio Saltikov. Em 1876, Saltikov uniu os cinco capítulos, acrescentou mais dois e os publicou no mesmo jornal sob o presente título, tendo finalmente assumido a forma de livro em 1880.

Sátira dos senhores de terras que se veem arruinados com o fim da servidão, o excerto nos apresenta a família dez anos antes dos acontecimentos principais do romance, que acompanham de perto a ascensão e queda de Porfíri Vladimirovitch, o Pequeno Judas, figura que entrou para a cultura russa, chegando a ser mencionado como sinônimo de traidor por Lênin. D. S. Minsky se refere à obra como o “único romance genuíno” de Saltikov, que o “coloca na linha de frente” dos clássicos nacionais; afirmação no mínimo espantosa, pois Saltikov é autor de diversas obras

¹ Mestrando em Teoria Literária na Universidade de São Paulo. cesarmarins@gmail.com

² MIRSKY, D. S. *A history of Russian literature, from the earliest times to the death of Dostoyevsky (1881)*. Nova Iorque: Knopf, 1927.

conhecidas dentro e fora da Rússia, como “História de uma cidade”³.

Realizamos a tradução do excerto sob o pretexto de travar um primeiro contato com a linguagem do autor, considerando as dificuldades de levar à cabo uma tradução integral da obra, já traduzida para diversos idiomas, mas ainda inédita no Brasil.

A tradução foi feita a partir do tomo 13 das obras completas de Saltikov, *Собрание сочинений в 20 томах*, Moscou, Художественная литература, 1972.

2. Os senhores Golovliov

Tribunal familiar

Certo dia, Anton Vassiliev, burgomestre de terras distantes, apesar de já ter terminado o relatório dirigido à senhoria Arina Petrovna Golovliova, misteriosamente ainda hesitava em seu lugar. O relatório era sobre sua viagem a Moscou e tinha a finalidade de auxiliar na coleta dos tributos dos camponeses que ali viviam. Mesmo já tendo ouvido a ordem para sair, ele ainda permanecia, como se ainda tivesse algo a falar, mas não soubesse como dizer.

Arina Petrovna, que compreendia não só os menores movimentos, mas também os pensamentos íntimos dos mais próximos, preocupou-se de imediato.

— E o que mais? — perguntou, encarando-o à queima-roupa.

— É tudo — respondeu Anton Vassiliev tentando sair.

— Não minta! tem mais alguma coisa! seus olhos dizem!

Mas Anton Vassiliev não se atreveu a responder e continuou trocando passos.

— Diga-me, o que há? — Gritou decidida Arina Petrovna, — fale! Não fique aí abanando o rabo... vira-casaca!

Arina Petrovna gostava de dar apelidos para as pessoas, incluindo seus administradores e funcionários de casa. Chamava a Anton Vassiliev de “vira-casaca” não por ele a ter traído algum dia, mas por ser linguarudo. Na propriedade que ele administrava havia um comércio significativo, com diversas tavernas, e nelas Anton Vassiliev gostava de beber chá e se gabar do poder de sua senhora, e nisso acabava falando demais. Arina Petrovna tinha diversos processos

³ Única obra de fôlego de Saltikov traduzida no Brasil, na tese da Prof^a Dr^a Denise Regina Sales, “A sátirade Saltykóv-Schedrin em História de uma Cidade”.

em curso, e constantemente muitos de seus esquemas vinham à tona antes da hora pela boca rota de seus homens de confiança.

— Na verdade tem... — resmungou finalmente Anton Vassiliev.

— O quê? O que é? — perguntou agitada Arina Petrovna.

Como mulher imperiosa e dotada de criatividade que era, em um minuto já havia desenhado para si mesma um quadro com todas as contradições e oposições, e imediatamente compreendeu o que era por si mesma, tanto que empalidecera e saltou da poltrona.

— Venderam a casa de Stepán Vladimirovitch...⁴ — relatou o burgomestre.

— Bem?

— Vendida.

— Por quê? Como? Não enrole, diga-me!

— Pelas dívidas... suponho! Por coisa boa que não seria.

— Então a polícia vendeu? A justiça?

— Bem, deve ter sido. Dizem que a casa valeu oito mil em um leilão.

Arina Petrovna afundou na cadeira e fixou os olhos na janela. No primeiro minuto era como se a notícia lhe tirasse a consciência. Se lhe dissessem que Stepán Vladimirovitch tivesse matado alguém, que seus servos haviam se rebelado e se negado a trabalhar, ou mesmo que a servidão tivesse sido abolida — ainda assim ela não estaria tão chocada. Seus lábios se mexiam, seu olhos fitavam ao longe, mas não via nada. Ela nem notou que naquele momento Dunietchka passava pela janela escondendo algo em seu avental, e de repente, ao ver sua senhora, parou por um instante e silenciosamente deu meia volta (em outras circunstâncias esse ato traria graves consequências). Finalmente, ela recobrou seus sentidos e disse:

— Que divertido!

Novamente se seguiram alguns minutos de estrondoso silêncio.

— Você diz que a polícia vendeu uma casa por oito mil? — perguntou.

— Sim, senhora.

— É isso que ele faz com uma bênção paterna!⁵ Ótimo... canalha!

⁴ Por respeito aos senhores, o verbo está no plural enquanto o sujeito está no singular.

⁵ É comum entre algumas classes da Rússia se designar pelo termo “benção paterna” quando imagens de santos, e excepcionalmente, bens móveis e imóveis, que em certas ocasiões são dados aos seus filhos.

Arina Petrovna teve a sensação de que, tendo em vista a notícia recebida, precisava tomar uma decisão imediata, mas não conseguia pensar em nada, pois seus pensamentos se confundiam na direção contrária. Por um lado, pensou: “Vendida pela polícia! Mas ela não se vendeu em um minuto! Devem ter feito inventário, avaliação, lances? Vendida por oito mil, enquanto paguei doze mil por essa mesma casa há dois anos, cada copeque, ali! Se eu soubesse disso, poderia eu mesma ter comprado por oito mil no leilão!” Mas por outro lado pensava: “Vendida por oito mil pela polícia! Uma benção paterna! Canalha! Perdeu uma benção paterna por oito mil!”

— De quem ouviu? Perguntou finalmente ao acalmar as ideias, entendendo que a casa já havia sido vendida, e, conseqüentemente, a esperança de comprá-la mais barato se fora.

— Ivan Mikhailovitch, o estalajadeiro, quem disse.

— E por que ele não me avisou a tempo?

— Medo, penso.

— Medo! Eu vou mostrar pra ele o que é medo! Traga-o de Moscou, e assim que ele chegar, o mandarei para o recrutamento raspar a cabeça! “Medo”!

Apesar da servidão estar chegando ao fim, ela ainda existia. Mais de uma vez ocorreu de Anton Vassíliev ouvir ordens peculiares da senhora, mas esta foi tão surpreendente que o deixou desconfortável. Sem querer se lembrou de seu apelido, “vira-casaca”. Ivan Mikhailovitch era um homem de confiança, e nem passava pela cabeça de Anton que qualquer tipo de problema recaísse sobre ele. Além do mais, ele era um bom amigo, e viraria soldado, só porque ele, Anton Vassíliev, o vira-casaca, não conseguia controlar sua língua.

— Perdoe... o Ivan Mikhailovitch! —intercedeu.

— Chega... protetor. — Arina Petrovna gritou com ele, mas em um tom que ele nem pensou em continuar a defender Ivan Mikhailovitch.

Mas antes, ao invés de continuar minha história, peço aos leitores que conheçam de perto Arina Petrovna Golovliova e sua família.

X X X

Arina Petrovna, mulher de sessenta anos, mas ainda ativa e acostumada a viver da sua maneira. Mantinha suas coisas com severidade: administra sozinha e sem demais controles as vastas propriedades dos Golovliov. Solitária e econômica, quase avara, ela não fazia amizade com os vizinhos, mas era um doce com as autoridades locais. Dos filhos exigia tal obediência que a cada vez que fossem fazer algo deviam se perguntar: o que mamãe dirá? De caráter

independente, intransigente, e um pouco refratária, e assim era pois dentre os Golovliov não havia uma pessoa que fosse capaz de apresentar oposição à ela. Seu marido era um homem bêbado e frívolo (Arina Petrovna gabava-se por não ser nem viúva nem esposa do marido); uma parte dos filhos servia em Petersburgo, outra saiu ao pai, passando a serem “indesejados”, e ficando de fora dos negócios de família. Sob essas condições, Arina Petrovna rapidamente começou a se sentir só, e, em verdade, até se afastou da vida familiar, mesmo que a palavra “família” estivesse sempre em sua língua e, na aparência, todos os seus atos fossem guiados exclusivamente por constantes preocupações nos arranjos de negócios familiares.

O chefe da família, Vladimir Mikhailovich Golovliov, era conhecido desde a juventude por seu caráter desordeiro e maldoso, enquanto Arina Petrovna, sempre séria e voltada para os negócios, nunca lhe foi simpática. Ele levava uma vida ociosa e inútil, frequentemente trancado em seu gabinete, imitando o canto do estorninho, do galo e etc., e se dedicava a compor o que chamava de “versos livres”. Em momentos de efusiva franqueza, se gabava por ter sido amigo de Barkov⁶, e que este havia lhe dado a benção em seu leito de morte. Arina Petrovna não caiu de amores imediatamente pelos versos de seu marido, achava-os simplórios e bestas, e, como Vladimir Mikhailovich casara-se para ter alguém à mão para sempre ouvir seus versos, as brigas não tardaram a aparecer. As brigas foram crescendo e se agravando continuamente, e terminaram com a esposa sentindo uma completa indiferença desdenhosa por seu marido bufão, e seu marido, por sua vez, sentia um ódio sincero por ela, o qual, entretanto, continha alto grau de covardia. O marido chamava a esposa de “bruxa” e “demônio”, a esposa chamava o marido de “cata-vento” e “balalaica sem corda”. Estiveram nesta relação e viveram a vida juntos por quarenta anos, sem nunca passar pela cabeça de nenhum dos dois que tal vida continha algo fora do natural. Com o passar do tempo, a malícia de Vladimir Mikhailovich não diminuiu nem um pouco, mas aumentou mais e mais. Além dos versos ao espírito de Barkov, ele começou a beber e esperar pelas empregadas no corredor. Inicialmente Arina Petrovna tratou o novo hábito de seu marido com repugnância e agitação (ali, entretanto, era mais hábito de poder do que ciúme), mas então deu de ombros e ficou de olho para que as vadias sujas não levassem vodka⁷ para o senhor. Desde então, após dizer de uma vez por todas a si mesma que seu marido não era seu companheiro, voltou toda sua atenção exclusivamente a um assunto: aumentar seu patrimônio. E de fato, nos quarenta anos de casada ela aumentou em dez vezes seu patrimônio. Com magnífica paciência e vigilância ela atentou-se às aldeias distantes e próximas, inteirou-se

⁶ Ivan Barkov (1732–1768), poeta russo conhecido por seus versos obscenos.

⁷ Ieroifetch no original, tipo de vodka com infusão de ervas consumido pela nobreza russa do século XIX.

sobre as relações secretas dos proprietários e o conselho administrativo, e sempre surgia nos leilões de surpresa. No fanático ciclo de busca por compras, Vladimir Mikhailovitch foi ficando em segundo plano cada vez mais e mais, até se tornar um selvagem. No momento em que esta história começou, ele já era um velho decrépito que quase não saía da cama, e, quando ocasionalmente saía do quarto, era só para enfiar a cabeça na porta entreaberta do quarto de sua esposa, gritar “diabo!” e mais uma vez se esconder.

Arina Petrovna não era muito mais feliz com seus filhos. Ela era muito independente, pode-se dizer que tinha uma natureza de solteira, e não poderia ver nos filhos nada além de um fardo. Ela só respirava aliviada quando se encontrava a sós com os faturamentos de seus negócios, quando ninguém interrompia suas conversas com burgomestres, meirinhos, governantas e etc. Aos seus olhos, filhos eram uma fatalidade da vida, contra a qual ela não se via no direito de protestar, mas que tampouco lhe ressoavam qualquer corda em seu íntimo, entregue completamente aos inúmeros detalhes da formação da vida. Eram quatro filhos: três filhos e uma filha. Do mais velho e da filha sequer gostava de falar sobre; era mais ou menos indiferente ao mais novo, e só o do meio, Porfiri, a quem não exatamente amava, mas temia.

Stepán Vladimirovitch, filho mais velho, sobre quem mais trataremos em nossa história, era conhecido na família por besta Stepka e travesso Stepka. Desde cedo figurava como “malquisto”, e na infância tinha o papel de meio pária e meio palhaço da casa. Infelizmente era um menino perspicaz, muito vivo e que com rapidez e facilidade notava as coisas no seu entorno. Do pai herdara o gosto pela palhaçada, enquanto da mãe herdara a habilidade de rapidamente descobrir o ponto fraco das pessoas. Graças à primeira qualidade logo se tornou o favorito do pai, o que só aumentou a antipatia que a mãe sentia por ele. Frequentemente, quando Arina Petrovna se ausentava da casa, pai e filho adolescente se trancavam no escritório decorado com o retrato de Barkov e liam versos livres e tagarelavam, em particular sobre a “bruxa”, quer dizer, Arina Petrovna. Mas a “bruxa” parecia sentir o que eles faziam, e se aproximava silenciosamente pela varanda, chegava na ponta dos pés na porta do escritório e ouvia as gracinhas. Então se seguia o imediato e brutal espancamento do besta Stepka. Mas Stepka não se abatia, era insensível a espancamentos e sermões, e meia hora depois já estava de novo fazendo graça. Uma hora já estava rasgando o lenço da criada Aniuchka, colocando moscas na boca de Vassiutka enquanto ele dormia, ou ia sorrateiro até a cozinha roubar uma torta (Arina Petrovna, por economia, mantinha as crianças passando fome), que, porém, ele dividia com os irmãos.

— Vou te matar! — lhe dizia Arina Petrovna, — mato, e não respondo por isso! O czar nem vai me punir!

Esta constante detração, quando encontra um terreno macio, que esquece fácil, não deixa pegadas. Não resultou em amargura nem reclamações, mas formou um caráter servil, inclinado à palhaçada, sem senso de proporção nem cautela. Tais personalidades sucumbem facilmente a qualquer influência e podem se tornar qualquer coisa: bêbados, pedintes, bobos, e até criminosos.

Aos vinte anos, Stepán Golovliov completou o ginásio em uma escola de Moscou e entrou na universidade. Sua vida estudantil foi amarga. Primeiro que sua mãe lhe dava o dinheiro necessário só para ele não morrer de fome; segundo que não existia nele nenhum ímpeto para o trabalho, em vez disso, só se manifestava o maldito talento natural de imitar os outros; terceiro, ele precisava da companhia de alguém a todo momento, não podia ficar sozinho um minuto sequer. Assim ele optou pelo fácil papel de bajulador e pique-assiette⁸, e, graças à sua maleabilidade com qualquer tipo de situação, logo se tornou o favorito dos estudantes ricos. Mas os ricos, mesmo aceitando ele por perto, ainda assim sabiam que ele não era páreo, que era só o palhaço, e esta ficou sendo sua reputação. Uma vez nesse terreno, foi descendo mais e mais, e ao fim do 4º ano de curso ele era um completo bobo. De qualquer forma, graças à sua capacidade de compreensão e escuta, recebeu o diploma de candidato.

Quando ele apareceu para sua mãe com o diploma, Arina Petrovna balançou os ombros e disse: que surpresa! Então, depois de mantê-lo por um mês no interior, ela o mandou para Petersburgo para viver com vinte rublos em notas de banco por mês. Começaram assim as andanças entre departamentos e escritórios. E ele não tinha nem quem o recomendasse nem vontade de fazer seu caminho por esforço próprio. Os pensamentos ociosos do jovem rapaz estavam tão desacostumados à concentração, que até mesmo exames burocráticos, como relatórios de notas e extratos de negócios, provaram-se demais pra ele. Golovliov sofreu por quatro anos em Petersburgo até finalmente dizer a si próprio que as esperanças de um dia conseguir algo melhor que escriturário eram nulas. Em resposta às queixas, Arina Petrovna escreveu-lhe uma carta ameaçadora, que começava com as palavras: “Eu imaginei que isso fosse acontecer” e terminava com uma ordem de ir para Moscou. Ali, no conselho dos camponeses mais próximos da família, ficou definido que o bobo Stepka iria trabalhar no *nadvorni sud*⁹, confiando a ele supervisionar o escriturário, que há tempos peticionava os casos dos Golovliov. O que Stepán fez e como se comportou na corte ninguém sabe, mas em três anos já não estava mais lá. Então Arina Petrovna decidiu-se por uma medida extrema: “jogou ao

⁸ Em francês no original, *pique-assiette* é uma espécie de fila-bóia. O termo usado para descrever Stepán, *приживальщика*, é muito comum na literatura do século XIX, a pessoa que não tendo onde cair morta fica na casa dos ricos a entretê-los.

⁹ *Nadvorni sud*, tribunal do tempo da servidão russa, que julgava casos de pessoas sem propriedades.

filho uma parte” que, entretanto, era para representar a “benção paterna”. Essa parte consistia na casa em Moscou, pela qual Arina Petrovna pagara doze mil rublos.

Pela primeira vez na vida Stepán Golovliov respirara aliviado. A casa prometia gerar mil rublos de prata em renda, e comparado com o montante anterior, era quase uma verdadeira riqueza. Ele beijou entusiasmadamente a mão da mãe (“ora ora, veja lá, idiota! não espere mais nada!” — Arina Petrovna disse ao mesmo tempo) e prometeu honrar a graça. Mas ah, não! Tinha tão pouco manejo com dinheiro, tão absurda era sua noção da realidade da vida, que os incríveis mil rublos anuais não duraram muito. Em quatro ou cinco anos ele estava falido, e se alistou feliz como voluntário em uma milícia que estava sendo formada. A milícia, entretanto, só chegou a Carcóvia quando a paz já estava selada, e mais uma vez Golovliov voltou para Moscou. Nesse momento a casa já havia sido vendida. Ele estava com o uniforme do exército e botas altas, numa aparência rota, e cem rublos no bolso. Com este capital ele foi para o jogo, começou a apostar no carteadado, e logo havia perdido tudo. Então começou a frequentar os camponeses mais bem de vida de sua mãe, que tinham suas casas; com eles almoçava, a eles pedia um quarto de tabaco e deles emprestava pequenas coisas. Mas chegou o dia em que, por assim dizer, deu de cara na parede. Ele já estava nos seus quarenta e tantos e teve de admitir que não poderia mais continuar vagando. Só havia um caminho: Golovliov.

Depois de Stepán Vladimirovitch, a integrante mais velha dos Golovliov era a filha, Anna Vladimirovna, de quem Arina Petrovna também não falava.

A questão é que Arina Petrovna visionava certas coisas para Aniuchka, e Aniuchka não só não atingiu essas expectativas como foi alvo de um escândalo no distrito. Quando sua filha deixou o instituto, Arina Petrovna alojou-a no vilarejo, com esperanças de ter uma secretária ou contadora gratuita, mas, em vez disso, numa bela noite Aniuchka fugiu da casa dos Golovliov para se casar com o cornet¹⁰ Ulianov.

— Então, sem a bênção dos pais, como cachorros, casaram! — Arina Petrovna reclamou na ocasião — Melhor assim, outro teria usado e dado o fora! Pode procurar e assobiar, você não vai encontrá-lo!

Arina Petrovna foi tão repugnante com a filha como foi com o filho: jogou-lhe “uma parte”. Separou para a filha um capital de cinco mil, um vilarejo com trinta almas e uma casa caindo aos pedaços, onde o vento entrava por todas as janelas e sem uma tábuca no chão sequer. Em dois anos os jovens gastaram o capital, e o cornet fugiu sabe-se lá pra onde, abandonando Anna Vladimirovna e as duas filhas gêmeas: Anninka e Liubinka. Então, três meses depois, Anna Vladimirovna morreu, e Arina Petrovna se viu obrigada a abrigar as

¹⁰ Patente militar do Império Russo.

crianças. Colocou-as em uma ala da casa, e designou a velha e encurvada Palacha pra cuidar delas.

— Deus tem muitas graças, — disse então — sabe Deus que pão elas comerão, mas terei um consolo na velhice! Deus me tirou uma filha, mas me deu duas!

E ao mesmo tempo escreveu para o filho Porfiri Vladimirovitch: “Sua irmã morreu como viveu, perdida, e ainda me deixou no pescoço essas duas crias...”

Geralmente, não importa quão cínico pudesse ser esse comentário, mas precisamos admitir que, nos dois casos em que ela “jogou uma parte”, não só não causou danos às finanças de Arina Petrovna, como também contribuiu indiretamente para aumentá-las, já que reduziu o número de dependentes. Por Arina Petrovna ser uma mulher rígida, como já havia “jogado os pedaços” algumas vezes, ela considerou que suas obrigações com seus malditos filhos estavam cumpridas. Mesmo quando pensava nas netas órfãs, nunca lhe passava pela cabeça que em algum momento ela lhes daria qualquer coisa. Ela só se preocupava em tirar tudo que pudesse da propriedade que havia cedido à Anna Vladimirovna e depositar no Conselho de Tutela. E dizia:

— Estou guardando dinheiro para as órfãs, mas não cobro nada por alimentar ou cuidar delas! Evidentemente que Deus me pagará pelo meu pão e sal!

Finalmente os filhos mais novos, Porfiri e Pavel Vladimirovitch, estavam servindo em Petersburgo: o primeiro era civil, o segundo, militar. Porfiri era casado e Pavel, solteiro.

Porfiri Vladimirovitch era conhecido na família por três apelidos: Iuduchki¹¹, sanguessuga e menino honesto. Os três apelidos haviam sido dados na infância pelo bobo Stepka. Na infância gostava de acariciar sua querida mãe, beijá-la furtivamente no pescoço, e às vezes até ser um pouco maldoso. Abria silenciosamente a porta do quarto da mãe e, sem fazer nenhum ruído, sentava em um canto, fascinado e sem tirar os olhos da mãe, enquanto ela escrevia ou mexia nas contas. Mas desde lá Arina Petrovna já mantinha uma espécie de suspeita quanto ao jeito insinuante do seu filho. Aquele olhar fixo sob ela parecia-lhe misterioso, e não conseguia definir o que exalava: veneno ou devoção filial.

— Não sei dizer que tipo de olhar ele tem, — pensava consigo mesma — é como se ele me jogasse uma corda no pescoço. Como se vertesse veneno e tentasse me atrair!

Ela se lembrava de detalhes significantes de quando ainda estava “pesada” por Porfiri. Viveu na casa por certo tempo um velho devoto e vidente, chamado Porfiri o bem aventurado, a quem ela procurava quando queria prever qualquer coisa do futuro. E quando ela lhe

¹¹ Judazinho.

perguntou se o parto seria logo, e se Deus lhe daria um filho ou uma filha, esse mesmo homem não lhe respondeu diretamente, mas cocoricou como um galo três vezes e então murmurou:

— Galinho, galinho! Unha afiada! O galo canta, ameaça a galinha; a galinha cacareja, mas será tarde demais!

E só. Mas três dias depois (pois foram três cocoricos!) ela deu à luz a um menino (pois um galinho, galinho!) e foi chamado de Porfiri, como homenagem ao velho vidente...

A primeira parte da profecia se realizou, mas o que poderia significar “a galinha cacareja, mas será tarde demais”? — era o que Arina Petrovna pensava, olhando Porfiri por baixo das mãos, enquanto ele se sentava no canto e a olhava com aquele olhar misterioso.

Mas Porfiri continuava sentado, manso e silencioso, olhando-a fixamente, de modo que seus olhos abertos sem movimento vertiam lágrimas. Ele parecia notar os questionamentos da alma da mãe, e agia de maneira tão calculada que até o ser mais crítico teria de se confessar desarmado frente à sua mansidão. Sob o risco de incomodar a mãe, ele continuava aparecendo à sua frente, como se dissesse: “Olhe pra mim! Não escondo nada! Sou obediente e devotado, e não sou obediente por medo, mas por consciência”. E não importava quão forte era seu convencimento de que Porfiri era um canalha que só abanava o rabo, que lhe lançava olhares de força, não havia como resistir à tal devoção. Sua mão involuntariamente buscava pelo melhor pedaço de comida para servir o filho afetuoso, apesar do fato de que o simples olhar do filho já colocasse seu coração em alerta, por algo misterioso, vil.

O perfeito contraste de Porfiri Vladimirovitch era seu irmão, Pável Vladimirovitch. A total personificação de um homem destituído de qualquer ação. Quando menino, não mostrava nenhuma tendência aos estudos, brincar ou socializar, mas gostava de ficar à parte, distante das outras pessoas.

Ele se entocava em um canto um pouco amuado e fantasiava. Imaginava que havia se empanturrado de mingau de aveia, ou que suas pernas estavam muito finas e que não precisava mais estudar. Ou, de que ele não era Pavel, filho de nobres, mas Davidka, o pastor de ovelhas, e que havia aparecido uma verruga em sua testa, como na de Davidka, e ele brandia um chicote e não estudava. Às vezes Arina Petrovna o olhava, e seu coração fervia.

— Você parece um rato cheio de cereais, inchado! — não resistia e gritava com ele, — agindo dessa maneira desde cedo, parece que tem veneno no corpo! Nunca chega para sua mãe e diz: minha mamãe querida, me faz um carinho.

Pavlucha saía de seu canto e aproximava-se da mãe a passos lentos, como se alguém o empurrasse.

— Mãe querida, — repetia ele de modo artificial, em uma voz grave, incomum em crianças, — me faz um carinho!

— Sai da minha frente... mudo! Acha que porque se enfia no canto que não te compreendo? Mas te compreendo inteiramente, querido! Tenho todos os seus projetos e planos na palma da minha mão!

E com o mesmo passo lento Pável voltava para seu canto novamente.

Passam-se os anos, e Pavla Vladimirovitch gradualmente forma sua personalidade apática, de caráter sombrio e enigmático, daquelas pessoas que tornam-se destituídas de ações. Ele poderia ser bom, mas nunca fez o bem; ele poderia não ser estúpido, mas nunca fez algo inteligente sua vida toda. Ele era hospitaleiro, mas ninguém o lisonjeava por sua hospitalidade; ele gastava muito dinheiro, mas essa ganância nunca gerou nenhum resultado útil ou prazeroso para ninguém. Ele nunca ofendeu ninguém, mas isso nunca foi imputado à sua dignidade; ele era honesto, mas nunca se ouviu ninguém dizer: como Pavel Golovliov foi honesto neste caso! Para completar, ele frequentemente respondia à sua mãe, ao mesmo tempo em que a temia como ao fogo. Repito: ele era um homem sombrio, mas por trás de seus mistérios só havia uma ausência de ação, nada mais.

Na idade adulta a diferença de caráter entre os dois irmãos se tornou mais drástica em relação à mãe. Toda semana Iuduchka enviava cartas à mãe, onde a informava claramente de cada detalhe da vida petersburguense, e com escrita requintada sempre reafirmava sua devoção filial e desinteressada por ela. Pável escrevia pouco e raramente, e às vezes até misteriosamente, como se escolhesse as palavras com pinça. “Recebi tanto dinheiro em tal período, querida mãe, de seu homem de confiança, o camponês Ierofiev, — escrevia, por exemplo, Porfiri Vladimirovitch, — e o recebido será usado para a minha manutenção, de acordo com sua vontade, querida mãe, e sem hipocrisia, com prazer, ofereço minha mais delicada gratidão, e com filial devoção, beijo tuas mãos. Só uma coisa me preocupa, e a dúvida me atormenta: não estaria você excedendo sua tão preciosa saúde ao continuamente se preocupar não só com nossas necessidades, mas também com nossos caprichos? Não sei o que meu irmão acha, mas eu”... e etc. E Pável, na mesma ocasião, dizia: “Recebi tal dinheiro em tal período, querida parente, e, pelos meus cálculos, devo receber seis e meio a mais. Lhe peço respeitosamente perdão”. Quando Arina Petrovna enviava reprimendas aos filhos por serem muito pródigos (isso acontecia frequentemente, apesar de não haver razões sérias), Porfiri sempre se resignava humildemente e escrevia: “Eu sei, mãe querida, que tu carregas um fardo nas costas, teus filhos indignos; sei também que nosso comportamento não faz jus ao seu carinho para conosco, e o que é pior, por erros inerentes à natureza humana, nos

esquecemos disso, e pelo que lhe peço meu mais sincero e filial perdão, e espero que com o tempo me livre desse vício vil, e faça melhor uso, inestimável mamãe, do dinheiro que me envia para minha manutenção e outros gastos”. E Pável respondia o seguinte: “Cara parente! apesar de tu não ter pago sua dívida para comigo, aceito sua reprimenda quanto a minha prodigalidade, quanto a qual tu podes ter a mais completa garantia”. Até à carta de Arina Petrovna anunciando a morte da irmã, Anna Vladimirovna, os irmãos responderam de maneira diferente. Porfiri Vladimirovitch escreveu: “A notícia do falecimento da minha querida irmãzinha e amiga de infância Anna Vladimirovna enche meu coração de dor, dor que se intensifica quando penso em tu, mamãe querida, que recebe uma nova cruz, os dois órfãos. Não basta que tu, nossa benfeitora, que renuncia a tudo sem poupar saúde, dirija todas as suas energias para prover sua família não só o que é necessário, mas também o que é supérfluo? De verdade, sei que é pecado, mas às vezes é impossível não reclamar. E o único refúgio pra você nesse caso, minha cara, é lembrar mais e mais do sofrimento de Cristo”. Pavel então escreveu: “Recebi a notícia do falecimento de minha irmã, que pereceu vítima. Entretanto, espero que o todo poderoso a receba, apesar disso ser um enigma”.

Arina Petrovna relia as cartas dos filhos e tentava descobrir qual seria seu malfeitor. Lia a carta de Porfiri Vladimirovitch, e parecia que ele era o real malfeitor.

— Ora, veja como ele escreve! É como se virasse a língua! — ela exclamava — Não é sem razão que o bobo Stepka o chamava de Iuduchka! Nem uma palavra é verdade! Ele mente em tudo! E “minha querida mamãe”, e meus fardos, e minha cruz... não sente nada!

Então começava com a carta de Pavel Vladimirovitch, e outra vez imaginava que ele fosse seu malfeitor.

— Estúpido, estúpido, veja, como furtivamente vai contra mim! “Quanto a qual tu podester a mais completa garantia...”, obrigada! Eu vou te mostrar o que significa “podes ter a mais completa garantia”! Vou lhe jogar um pedaço, como ao bobo Stepka, e você vai saber como entendo suas "garantias”!

E em conclusão, de seu seio materno saiu um choro deveras trágico:

— E para quem acumulo esse montante! para quem eu guardo! Não durmo à noite, não como bem... para quem?!

Tal era a situação dos Golovliov naquele momento, quando o burgomestre Anton Vassiliev relatava para Arina Petrovna o desperdício do “pedaço jogado” ao bobo Stepka, o qual, tendo em vista o preço pelo qual foi vendido, tinha significado especial essa “benção dos pais”.

X X X

Arina Petrovna sentou-se em seu quarto, mas conseguia vir a si. Algo se agitava dentro dela, algo que ela não conseguia ter clara conta do que era. Se era um milagre da piedade para com o indesejado, mas ainda assim filho, ou só um sentimento de autocracia ofendida, isso nem o mais experiente psicólogo pode definir: isso em grande medida mexia rapidamente as sensações e sentimentos dentro dela. Por fim, do acúmulo de impressões saiu outro medo, de que o “indesejado” ficasse mais uma vez no seu pescoço.

“Aniutka impôs seus filhotes, e agora esse idiota...” — ela calculou mentalmente.

Ficou sentada dessa maneira por um longo tempo, sem dizer nada e olhando fixamente para um ponto fora da janela. Trouxeram-lhe almoço, que ela quase não tocou; então disseram: o senhor gostaria de vodka! — ao que ela, sem olhar, jogou a chave da despensa. Depois do almoço ela foi ao banheiro, ordenou que todas as lâmpadas fossem acesas e se fechou, mas não antes de mandar prepararem seu banho. Eram estes os sinais que provavam, sem sombra de dúvidas, que a senhora estava "brava", e de repente a casa cessava, como se houvesse morrido. As criadas andavam nas pontas dos pés; Akulina, a governanta, estava feito louca: depois do almoço era hora de fazer o varenie,¹² e chegara a hora, as frutas estavam lavadas e preparadas, mas a senhora não dava a ordem nem negava; o jardineiro Matvei perguntou se deveria colher os pêssegos, mas logo as moças o calaram e ele saiu.

Depois de ter rezado para Deus e se lavado no banheiro, Arina Petrovna se sentiu em paz consigo mesma e chamou novamente Anton Vassiliev para lhe responder.

— Bem, o que o bobo faz? — ela perguntou.

— Moscou é grande, em um ano não se anda ela toda!

— Sim, mas, o que bebe, o que come?

— Os mujiques o alimentam. Deles almoça, deles pede uma moeda para comprar o tabaco.

— E quem os permitiu dar?

— Tenha piedade deles, madame! Os mujiques não se ofendem! Se ajudam estranhos, não negarão aos seus senhores!

¹² Um tipo de compota de frutas muito comum na Rússia.

— E cá estou eu... para ser servida! Vou mandar o bobo para a sua propriedade, e você vai mantê-lo totalmente às suas expensas!

— Vossa vontade, madame.

— O quê? O que você disse?

— Digo, é a vossa vontade, madame. Tu ordenas, o alimentaremos.

— Então... Alimentaremos! Fale comigo, mas não diga asneiras!

Silêncio. Mas Anton Vassiliév não ganhara o apelido de vira-casaca de sua senhora de graça. Ele não aguenta e novamente inquieta-se, queimando-se por dentro para falar algo.

— Mas como é malandro! — ele disse finalmente — dizem que ele voltou da campanha com cem rublos. Cem rublos não é muito dinheiro, mas dá pra viver por um tempo...

— Então?

— Veja, pra melhorar de vida, ele começou a aplicar uns golpes...

— Fale, não enrole!

— Ele foi no clube alemão,¹³ tentar a sorte. Pensou que ia ganhar de algum otário nas cartas, mas, pelo contrário, foi pego por alguém mais esperto. Ele tentou dar no pé, mas disseram que foi pego no hall. E o dinheiro se foi!

— Apanhou?

— Totalmente. No dia seguinte foi até Ivan Mikhailovitch, e ele mesmo contou. E o que é mais surpreendente: rindo... alegre! Como se tivesse levado um tapinha na cabeça!

— Não é nada pra ele! Só me interessa que ele não apareça na minha frente!

— Mas acredito que isso vá acontecer.

— O que! Não permito que ele passe pela porta!

— Não tem outro jeito, assim será! — reiterou Anton Vassiliev, — e Ivan Mikhailovitch também contou: chega! disse, vou para a velha comer pão velho! Mas veja, madame, verdade seja dita, ele não tem lugar no mundo a não ser aqui. Os mujiques de Moscou não vão aguentar muito tempo. Também precisa de roupas, tranquilidade...

Era exatamente o que Arina Petrovna temia, era essa simples ideia que perturbava seu inconsciente. “Sim, ele vai aparecer, não tem pra onde ir, é inevitável! Ele estará aqui, eternamente sob seus olhos, maldito, repulsivo, esquecido! Por que ela jogou o 'pedaço' para ele naquela época? Ela pensava que, tendo recebido o que era 'seu', ele desapareceria pela eternidade, mas ele reviveu! Ele virá, exigirá, e perturbará a todos com sua mendicância. E será necessário satisfazer suas exigências, pois além de tudo é insolente, pronto para todo tipo de

¹³ Clube Shuster (Шустер-клуб), famoso clube alemão de Petersburgo.

tumulto. 'Ele' não pode se esconder sob tranca; 'ele' pode aparecer na frente de estranhos como ralé, nos desmoralizar, contar aos vizinhos todos os segredos dos negócios dos golovliovs. Devo exilá-lo no monastério de Suzdal? Mas quem sabe, talvez o monastério de Suzdal já esteja lotado, ou talvez não esteja lá só para tirar filhos rebeldes da frente dos pais? Também existem os manicômios... mas manicômio, como levá-lo pra lá, um cavalão de quarenta anos?" Em uma palavra, Arina Petrovna estava completamente perdida pela simples ideia dos problemas que a chegada do bobo Stepka criariam para sua calma existência.

— Eu vou mandá-lo para sua propriedade! Alimente-o às suas custas! — ela ameaçou o burgomestre — Mas não com meu patrimônio, com o seu!

— Mas por que isso, madame?

— Pra ver se você para de grasnar. Crás! Crás! “Sem dúvida ele vem”... saia da minha frente... corvo!

Anton Vassiliev começou a se virar para a esquerda, mas Arina Petrovna o parou outra vez.

— Pare! Espere! Então é verdade que ele vem para Golovliov nos perturbar? — perguntou.

— E eu mentiria, madame! Falei a verdade: vou para a velha comer pão velho!

— Pois já vou mostrar, qual pão a velha tem pra ele!

— Mas, madame, não viverá muito tempo aqui.

— O quê?

— Sim, tosse muito forte... lhe pega o pulmão esquerdo... Não tem cura!

— Esse tipo, meu caro, é o que mais vive! E vai viver mais que nós todos! Tosse e tosse, é o que esse potro desengonçado faz! Bem, veremos. Agora me deixe: tenho que dar ordens.

Por toda a noite Arina Petrovna pensou e finalmente chegou a uma conclusão: convocar um conselho familiar e decidir o destino do idiota. Tais meios constitucionais não eram seu costume, mas ela decidiu colocar a autocracia de lado, como se a decisão da família a protegesse da maledicência das pessoas de bem. Não tinha dúvidas do resultado do conselho, e tranquilamente se pôs a escrever as cartas, nas quais convocava Porfiri e Pavel Vladimirovitch a virem imediatamente para Golovliov.

X X X

Enquanto tudo isso acontecia, o culpado pela comoção, bobo Stepka, já saía de Moscou

em direção à Golovliov. Ele embarcou em Moscou, perto de Rogojski, em uma das chamadas diligências, que se usavam antigamente para viajar, e na qual agora viajam pequenos comerciantes e caixeiros viajantes, indo visitar suas casas. A diligência se aproximava de Vladimir, e Stepán Vladimirovitch só viajava graças ao já mencionado, Ivan Mikhailovitch, compreensivo taberneiro que pagara sua passagem e o grude de todo o caminho.

— Então você, Stepán Vladimirovitch, faça o seguinte: desça na curva da estrada, vá a pé, e com essas mesmas roupas se apresente à sua mãe! o aconselhou Ivan Mikhailovitch.

— Bem, bem, bem! — concordou Stepán Vladimirovitch, — Não é muita coisa depois da curva, quinze verstas a pé não são nada! Chego voando! Empoeirado e cheio de estrume, assim vou aparecer!

— Quando sua mãe te ver com esses trajes, talvez tenha alguma piedade!

— Piedade! Como não? Apesar de tudo, minha mãe é uma velha bondosa.

Stepán Golovliov tinha menos de quarenta anos, mas a aparência não poderia ser a de alguém com menos de cinquenta. A vida o havia deixado em frangalhos, de modo que não tinha mais as características de um filho de nobres, nem o mínimo sinal que ele um dia tivesse ido à universidade ou que qualquer palavra educativa da ciência tivesse alcançado. Excessivamente alto, desgrenhado, sem banho, magro por falta de comida, de peito escavado e mãos longas como pás. Seu rosto inchado, cabelo e barba grisalhos e bagunçados, uma voz alta, porém rouca, como se estivesse resfriado, e de olhos esbugalhados, como se estivessem inchados, um pouco pelo excesso de vodka, outro pouco pelo excesso de vento. Vestia um gasto uniforme cinza de oficial, cujos galões já havia arrancado e vendido para beber; nos pés, botas vermelhas gastas, já remendadas e apertadas. Pelo uniforme meio aberto se via sua camisa, inteiramente manchada de preto, como se estivesse suja de fuligem, que, com cinismo próprio de milicianos, ele chamava de “pulgueiro”. Um olhar carrancudo, não que expressasse qualquer insatisfação interna, mas sim uma consequência da vaga ansiedade que a qualquer minuto poderia morrer de fome.

Ele falava sem parar, pulando de um assunto para outro sem nenhuma conexão; quando Ivan Mikhailovitch o escutava, caía no sono ao som da música de seu discurso. Era terrível para ele ficar sentado. Na “diligência” estavam quatro pessoas, então precisava permanecer sentado e com os joelhos dobrados, o que por três ou quatro verstas lhe produziu uma dor insuportável nos joelhos. Mesmo assim, apesar da dor, ele falava sem parar. Nuvens de poeira entravam pelas aberturas ao lado do vagão; de quando em quando entravam raios de sol, e de repente era como se tudo pegasse fogo dentro da “diligência”, e ele continuava a falar.

— Sim, irmão, tive meu quinhão de fogo, — ele dizia — agora é meu merecido descanso! Não vou comer tudo dela, mas um pedacinho de pão e um chá não se nega! O que acha, Ivan Mikhailovitch?

— Sua mãe tem muitos pedaços!

— Mas não para mim, não é isso que quer dizer? Sim, amigo, ela tem muito dinheiro, mas nem um níquel de cobre pra mim! Sempre a mim! Bruxa, detestável! Para quê? Bem, agora, por pregar peças! E eu sempre peguei leve, mas agora vou pegá-la pelo pescoço! Se ela tentar me colocar pra fora eu não vou! Se não me der nada, eu tomo! Eu, amigo, servi a pátria, e agora todos têm de me ajudar! Só tenho um medo: que não me deem tabaco, aí é ruim!

— Parece que vai ter de se despedir do tabaco!

— Então pegarei o burgomestre de jeito! Aquele careca maldito pode dar ao senhor!

— Ele não tem porque não dar! Mas, e se ela, vossa mãe, proibi-lo?

— Aí estarei acabado; o único luxo que mantenho do meu esplendor progresso é o tabaco! Eu, irmão, quando tinha dinheiro, fumava um quarto de tabaco Jukóv por dia!

— E terá de dar adeus pra vodkinha também!

— Outra calamidade. Vodka faz bem até para minha saúde, expectora o catarro. Nós, irmão, na campanha de Sevastopol, bebemos um vedro¹⁴ cada um, antes mesmo de chegar em Serpukhov.

— Me parece que enlouqueceram?

— Não me lembro. Me parece que havia algo. Eu, meu irmão, fui até a Carcóvia, mas juro pela minha vida que não me lembro. Só me lembro de passarmos por vilarejos e cidades, e que em Tula um coletor de impostos nos fez um discurso. Chorou, o canalha! Nossa mãe-Rússia ortodoxa sofreu naqueles tempos! Coletores de impostos, contratantes, e receptadores, que deus nos ajude!

— Mas sua mãe lucrou lá mesmo. Da nossa propriedade, mais da metade dos soldados não voltou para casa, e pra cada um, dizem, há um recibo de recrutamento. E cada um vale mais de quatrocentos rublos.

— É, meu irmão, nossa mãe é esperta! Deveria ter sido ministra, e não ficar em Golovliov tirando espuma do vareni. Saiba de uma coisa! Ela foi injusta comigo, ela me insultou, mas eu a respeito! Acima de tudo esperta feito o diabo! Se não fosse ela, o que seria de nós agora? Seria Golovliov com suas cento e uma almas e meia! Mas veja o quanto ela comprou!

¹⁴ Antiga medida russa para 12.3 litros.

— Seus irmãos terão capital!

— Terão. E eu não terei nada com isso, é fato! Sim, fora dessa, irmão, pelos canos! Meus irmãos serão ricos, especialmente o Sanguessuga. Ele só puxa o saco dela por isso. Mais dia menos dia ele tomará tudo da velha bruxa; sugará bens e capital, isso posso ver! Mas meu irmão Pável, esse sim é que tem alma humana! Me dará tabaco à vontade, você verá! Assim que eu chegar em Golovliov, vou dar a ele a nota: isso e aquilo, querido irmão, tranquilamente. E-e-ei, ah! se eu fosse rico!

— O que você faria?

— Primeiro eu te faria rico...

— Que eu! Fale de você, eu vou bem, graças à sua mãe.

— Bem não, meu irmão, *attende!*¹⁵ Eu lhe faria comandante-chefe de todas as propriedades! Sim, amigo, me alimentei e me esquentei graças a você! Não fosse por você, estaria voltando a pé para a casa de meus progenitores! Te faria livre agora e lhe daria tudo, colocaria meus tesouros abertos à tua frente, comeria, beberia e se divertiria à vontade! O que você pensa de mim, amigo?

— Não, não fale de mim, senhor. O que mais o senhor faria se fosse rico?

— Em segundo lugar, gostaria de ter uma coisinha. Em Kursk, fui à uma missa para a virgem, e vi uma... ah, coisinha boa! Não parava quieta no lugar, acredite ou não!

— Talvez ela não fosse uma coisinha vulgar?

— Dinheiro é pra quê! Vil metal para quê? Cem mil não bastam, tome duzentos mil! Eu, meu irmão, se tenho dinheiro, não economizo só pra viver um pouco! Eu, pra dizer a verdade, naquele tempo eu lhe dei sinais que lhe daria três rublos, mas a besta quis cinco!

— E pelo jeito não tinha os cinco?

— Como disse, meu irmão, eu não sei. Te digo: parecia tudo um sonho. Talvez ela até tenha vindo a mim, mas esqueci. De qualquer forma, dois meses inteiros, não me lembro de nada! Imagino que isso nunca tenha lhe acontecido?

Mas Ivan Mikhailovitch estava quieto. Stepán Vladimirovitch o encarava, e estava convencido que ele acenava com a cabeça e, às vezes, quase encostava o nariz no joelho, então ele tremia absurdamente e voltava a acenar com a cabeça.

— Ah! — ele disse — você está enjoado! Precisa deitar! Você engordou, meu irmão, com todo aquele chá e grude da taberna! Eu não tenho sono! não tenho sono e é isso! O que poderia fazer pra me distrair! talvez com esse fruto de uva...

¹⁵ Espere, em francês.

Golovliov olhou ao redor para ter certeza de que os outros passageiros dormiam. O mercador, sentado ao seu lado, batia a cabeça repetidas vezes numa barra, mas continuava dormindo. Seu rosto ficou lustroso, como se coberto do verniz, com moscas circulando sua boca.

“Se eu lhe jogar essas moscas bocarra abaixo, ele vai morrer de medo!” — de repente surge uma ideia engraçada na cabeça de Golovliov, e quando ele já havia começado a se esgueirar com a mão até o mercador, colocando seu plano em prática, no meio do caminho se lembrou de algo e parou.

— Não, chega de peças, basta! Durmam, amigos, descansem! Enquanto isso eu... onde enfiei minha meiotá?¹⁶ Ah! aqui está, querida! Aqui, venha aqui! Salva, se-e-nhor, teu povo! — entouo baixinho, enquanto tirava a garrafa da bolsa de linho que estava ao lado da kibitika¹⁷, e colocava o gargalo na boca, — agora sim, que beleza! deu uma esquentadinha! Outro trago? Não, bem... ainda são vinte verstas até a estação, vou ter tempo de dar mais um... outro trago? Ah, pro inferno essa vodka! Vejo uma meiotá e ela me chama! Beber é ruim, mas não beber é pior, porque aí não durmo! Se ao menos dormisse, mas é mais forte que eu, malditaseja!

Toma mais alguns goles do gargalo, coloca a meiotá em seu lugar e começa a encher o cachimbo.

— Importante! — disse — primeiro um trago, agora uma pitada! A bruxa não dará para o meu tabaco, não dará, ele está certo. E dará algo? Os restos, isso sim, vai me mandar qualquer coisa que sobrar na mesa. Arre! Tinha um dinheirinho e não tenho mais! Era um homem, não sou mais! O mundo sempre foi e sempre será assim! hoje você bebe e se empanturra, vive prazerosamente, fuma seu cachimbo...

E amanhã, onde onde estarás?¹⁸

Entretanto, precisava comer qualquer coisa. Bebe e bebe, como um barril furado, e não come nada. Os médicos falam que beber faz bem com um aperitivozinho acompanhando, como dizia o reverendo Smaragd¹⁹ quando passamos por Oboian. Será que passamos por Oboian? Sabe lá o diabo, talvez quando passamos por Kromi! Não é esse o ponto, mas, como conseguir um aperitivo agora. Se lembra, quando ele colocou uma linguiça e três pães franceses num saco! Acho que sentou em cima das provisões!

Revista tudo e não acha nada.

¹⁶ No original “полштоф”, meia “чтоф”, uma medida de líquido que corresponde a 1.2299 litros.

¹⁷ Tipo de carruagem russa. Schedrin alterna entre diligência e kibitika.

¹⁸ Verso do poema “Na morte do Príncipe Mecherski” (На смерть князя Мещерского) de Derjavin.

¹⁹ Arcebispo Aleksandr Smaragd, 1796-1863.

— Ivan Mikhailitch! Ivan Mikhailitch! — chamou.

Ivan Mikhailitch acorda e por um momento não parece entender como ficou vis-a-vis com seu senhor.

— Tinha acabado de começar a sonhar! — disse finalmente.

— Nada, amigo, durma! Eu só queria saber onde está o saco de comida está enfiado?

— Você quer comida? Primeiro tem que tomar um trago!

— É isso! onde está sua meiotá?

Tendo bebido, Stepán Vladimirovitch começa a comer a linguiça, dura como pedra e salgada como sal, e a tripa era tão forte que precisou afiar a ponta da faca para perfurá-la.

— Um salmão branco cairia bem agora — diz.

— Me perdoe, senhor, me fugiu da mente. Pensei nisso a manhã inteira, até minha esposa disse: se lembre do salmão branco, e cá estou, como se um pecado ocorresse!

— Nada, e vamos comer a linguiça. Em campanha não comíamos nem isso. Meu pai me contou que um inglês apostou que o outro não comeria um gato morto, mas comeu!

— Psiu... e comeu?

— Comeu. Só pra ficar enjoado logo em seguida! Mas o rum o curou. Duas garrafas em um gole só, e passou. Um outro inglês apostou que comeria só açúcar por um ano.

— E ganhou?

— Não, dois dias antes de completar o ano ele morreu! O que você está fazendo! Não dá umas bicadas na vodka?

— Nunca bebi.

— Só bebe chá? Não é bom, meu irmão; por isso que sua barriga cresce. Você precisa tomar cuidado com o chá: deve beber um copo e cobrir com um uma dose. Chá acumula escarro, vodka solta. Não é assim?

— Não sei; você é pessoa estudada, sabe melhor.

— É isso. Quando estávamos em campanha, não tínhamos tempo para nos preocupar nem com chá nem com café. Mas vodka é uma coisa divina: você desenrosca o cantil, vira e bebe, acabou. Nós íamos tão rápido, andamos tanto, que passei dez dias sem me lavar.

— O senhor teve muito trabalho!

— Mais ou menos, mas tente marchar na estrada real! Bem, no caminho de ida ainda havia algo: doações, convites para almoços e muito vinho. Mas no caminho de volta a comemoração já havia se encerrado!

Golovliov tem o esforço de roer a linguiça e finalmente mastigar um pedaço.

— Salgada essa linguiça, meu irmão! — disse — de qualquer jeito, eu não sou exigente! Minha mãe também não me servia iguarias: um prato de shchi²⁰ e uma tigela de mingau, e é tudo!

— Deus é misericordioso! Talvez tenha uma torta nas festas.

— Sem chá, sem tabaco, sem vodka, é como você falou. Dizem que agora ela ama jogar durak²¹, é isso? Bem, quem sabe me chama pra jogar e tomar um chazinho. Quanto ao resto, meu irmão, esqueça!

Pararam quatro horas na estação para alimentar os cavalos. Golovliov havia terminado sua meia, e agora a fome o desmontava. Os passageiros foram para a isbá²² e se acomodaram para almoçar. Depois de perambular pelo jardim por algum tempo, olhar a manjedoura e os cavalos, espantar os pombos e até tentar dormir, Stepán Vladimirovitch finalmente se convenceu que seria melhor se acompanhasse os outros passageiros até a isbá. Ali, sob a mesa, já se via o vapor do shchi, e mais ao lado uma bandeja de madeira com um grande pedaço de bife, que Ivan Mikhailitch cortava em pequenos pedaços. Golovliov senta-se meio distante, acende um cachimbo e por um longo tempo não sabe o que fazer para matar a fome.

— Bom apetite²³, senhores! — disse finalmente — o shchi me parece muito bom.

— O shchi não está nada mal! — respondeu Ivan Mikhailitch — tome, senhor, e diga você!

— Não, só estava dizendo, estou cheio!

— Cheio de que! Comeu um pedaço de linguiça, e a desgraça ainda faz mal pra barriga. Coma! vou pedir uma mesinha aqui do lado pra você ficar, coma, à sua saúde! Senhora! Arrume uma mesa para o senhor ali!

Os passageiros passaram a comer em silêncio, trocando olhares enigmáticos entre si. Golovliov imaginou que houvesse sido “invadido”, apesar de ele, não sem insolência, ter feito o papel de senhor e chamado Ivan Mikhailitch de tesoureiro. Franziu as sobrancelhas enquanto a fumaça do tabaco saía de sua boca. Estava pronto para recusar a comida, mas a fome era tanta que se debruçou como um animal na cumbuca de shchi e a esvaziou imediatamente. Já saciado, retoma sua auto-confiança como se nada houvesse acontecido e fala para Ivan Mikhailitch:

²⁰ Sopa russa.

²¹ Popular jogo de baralho russo.

²² Tipo de chalé russo, geralmente construído perto de estradas.

²³ É tradição na Rússia receber os convidados com pão e sal, sinal de boas vindas. Também é comum dizer “pão e sal” (хлеб да соль) para se elogiar quem lhe recepciona, e também para dar uma dica que se quer comida, prática comum de pedintes.

— Bem, meu irmão tesoureiro, você pague para mim e eu vou para o palheiro puxar um ronco.²⁴

Partiu para o celeiro bambaleando, e dessa vez, de barriga cheia, teve um sono heroico²⁵. Às cinco ele já estava de pé. Vendo os cavalos de pé no celeiro vazio, coçando o fucinho contra as quinas, ele começa a acordar o cocheiro.

— Dormindo, canalha! — gritou — nós com pressa e você tendo lindos sonhos!

Então saíram da estação, na estrada que dava em Golovliov. Só ali Stepán Vladimirovitch ficou como que sedado. Ficou quieto, como se houvesse uma queda em seu espírito. Mas dessa vez Ivan Mikhailitch o encorajava e acima de tudo, o incentivava a jogar fora o cachimbo.

— Senhor, quando chegar na mansão, jogue o cachimbo na moita! Depois você encontra!

Finalmente os cavalos que levariam Ivan Mikhailitch estavam a postos. Chegara o momento da despedida.

— Até, meu irmão! — disse Golovliov com voz hesitosa, beijando Ivan Mikhailitch, — ela vai me devorar!

— Deus é misericordioso! Não tenha tanto medo assim também!

— Devorar! — repetiu Stepán Vladimirovitch com tal confiança na voz que Ivan Mikhailitch involuntariamente baixou seus olhos.

Dito isto, Golovliov se virou abruptamente em direção à estrada e começou a andar, com a ajuda de um áspero toco que arrancara de uma árvore.

Ivan Mikhailitch o vê por um tempo, e então corre atrás dele.

— É isso, senhor! — disse alcançando-o — enquanto limpava seu uniforme da milícia achei esses três rublos no bolso lateral, não derrube-os por acidente!

Stepán Vladimirovitch aparentemente hesita e não sabe o que fazer nesse caso. Finalmente ele estende a mão para Ivan Mikhailitch e chorando diz:

— Compreendo... tabaco para o soldado... obrigado! E quanto àquilo... ela vai me devorar, caro amigo! Guarde minhas palavras: devorar!

Golovliov finalmente virou seu rosto para a estrada, e cinco minutos depois seu casaco cinza da milícia já estava distante, sumindo e aparecendo atrás da vegetação da mata. Ainda estava cedo, seis da manhã; uma bruma dourada cobria a estrada, quase escondendo os raios de

²⁴ No original ele vai “conversar com Khrapovitski”, jogo de palavras com ronco, khrapaka.

²⁵ Um sono de “bogatir”, heróis da Rússia medieval.

sol no horizonte, a relva reluzia, o ar estava impregnado pelo aroma de abeto, cogumelo e frutas, a estrada ziguezagueava por uma planície, revoada por incontáveis pássaros. Mas Stepán Vladimirovitch não notou nada: toda sua leveza lhe escapou enquanto se encaminhava para, como se diz, o Juízo Final. Uma ideia lhe tirava dos eixos: mais três ou quatro horas e não teria mais pra onde ir. Recordava sua antiga vida em golovliov, e parecia que as portas de um úmido porão se abriam à sua frente, e que ao passar do umbral as portas se fechariam atrás dele, e tudo estaria acabado. Recordava outros detalhes, que apesar de não serem ligados a ele, eram características da ordem de golovliov. Havia o titio Mikhail Petrovitch (chamado de “bruto Michka”), que também pertencia à classe dos “indesejados”, a quem seu avô, Petr Ivanitch, prendera junto à sua filha em Golovliov, onde viviam com os servos e comiam no mesmo pote que o cachorro Triezorkói. Havia a tia Vera Mikhailovna, que morava na mansão da propriedade por caridade com seu irmão Vladimir Mikhailitch, e que morreu “de moderação”, pois Arina Petrovna contava cada pedaço de comida que ela comia e cada tora de madeira para aquecer seu quarto. A mesma coisa aconteceria a ele. Na sua mente vislumbrava uma série de dias sem amanhecer, mergulhado num abismo cinza, e involuntariamente fechava os olhos. De agora em diante estaria cara a cara com a velha malvada, mas nem medo tinha, sentia-se entorpecido pela apatia da autoridade. A velha ia devorá-lo, mas não com tormento, e sim com esquecimento. Não havia ninguém para dizer uma palavra, lugar algum para correr, ela estava em todo lugar, imperiosa, paralisadora, menosprezando. Pensar nesse futuro inescapável o enchia de tal melancolia, que ele parou em uma árvore e por certo tempo bateu sua cabeça. Toda sua vida, cheia de palhaçadas, ociosidade e bobices, passou de repente frente aos seus olhos. Ele agora ia para Golovliov; sabia o que o esperava, e ainda assim ia, não podia não ir. Não havia outro caminho. O último dos homens podia fazer algo por si, podia conseguir pão, ele não podia fazer nada. Era como se esta ideia despertasse algo nele pela primeira vez. Ele pensava no futuro, desenhava para si todas as perspectivas, e eram sempre perspectivas de satisfação gratuita, nunca de labuta. Agora ele pagaria pelas loucuras nas quais afundou seu passado. E a conta era amarga e se manifestava por uma horrível palavra: devorar!

Já eram dez da manhã quando a torre do sino de golovliov surgiu branca por detrás da floresta.

A face de Stepán Vladimirovitch empalideceu, as mãos tremiam: tirou a boina e fez o sinal da cruz. Se lembrava da parábola do filho pródigo voltando pra casa, mas imediatamente percebeu que, aplicada a ele, essa lembrança era só ilusão. Finalmente colocou os olhos na estrada e encontrou o poste que delimitava as terras de golovliov, aquela maldita terra, que o

fez maldito, o criou maldito, o lançou maldito pelos quatro cantos do mundo e então, maldito, o recebia em seu seio. O sol já estava alto e queimava impiedosamente os campos sem fim de golovliov. Mas ele ficava cada vez mais pálido, e sentiu que começava a ter calafrios.

Finalmente chegara ao cemitério da igreja, e toda sua felicidade o abandonara. A casa da mansão aparecia pacificamente por entre as árvores, como se nada de especial acontecesse ali; mas para ele tinha o efeito da cabeça de medusa. Pensou ter visto um caixão ali. Caixão! Caixão! — repetiu inconscientemente para si mesmo. Não ousou ir primeiro para a mansão, foi antes ver o padre para enviar o aviso de sua chegada, e descobrir se sua mãe iria recebê-lo. Ao vê-lo, a mulher do padre se virou e voltou suas atenções aos ovos fritos; as crianças do vilarejo se juntaram atônitas com a visão do senhor; os mujiques, ao passarem, tiraram seus chapéus e o fitaram silenciosamente; um velho servo correu até ele e pediu suas mãos para as beijar. Todos entenderam que à sua frente estava o odiado, que vinha para um lugar odiado, ficaria ali para sempre, e que não havia saída para ele, a não ser que colocasse os pés à frente no cemitério. E tudo se deu ao mesmo tempo, lamentável e terrível.

Por fim veio o padre e disse que “sua mãe estava pronta para receber” Stepán Vladimirovitch. Dez minutos depois e lá estava ele. Arina Petrovna o recebeu estritamente cerimoniosa e o mediu da cabeça aos pés com um olhar glacial; porém, não se permitiu nenhuma censura inútil. Tampouco o deixou entrar no recinto, o encontrou na saída dos servos e se foi, ordenando que o jovem senhor fosse levado à presença de seu pai por outra porta. O velho cochilava na cama, coberto com um cobertor branco e uma touca de dormir branca, tudo branco, como um morto. Acordou e, ao vê-lo, gargalhou feito idiota.

— O que, meu caro! Nas garras da bruxa! — gritou enquanto Stepán Vladimirovitch beijava suas mãos. Então cocoricou como um galo, gargalhou novamente e repetiu sem parar: — devora! devora! devora!

— Devora! — como se reverberasse o eco em sua alma.

Suas premonições foram justificadas. Foi alojado em um quarto especial no anexo junto ao escritório. Trouxeram roupa de cama barata e um velho roupão de seu pai, que ele vestiu imediatamente. As portas da cripta se abriram, ele passou e então se fecharam.

Referências

MIRSKY, D. S. **A history of Russian literature, from the earliest times to the death of Dostoyevsky (1881)**. Nova Iorque: Knopf, 1927.

SALES, D. R. **A sátira de Saltykóv-Schedrin em História de uma Cidade**. 2010. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SALTIKOV-SHCHEDRIN, M. Gospoda Golovliov. In: **Sobranie sotchineni**. Tomo 13. Moscou: Khudojestvenaia literatura, 1972.